Dia 2 — A Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos

Martirológio Romano

A comemoração de todos os fiéis defuntos. (Veja-se sua história hoje.)

O martírio de São Vitorino, bispo, em Poitiers, no mesmo dia; o qual, depois de ter escrito muitas obras, segundo o testemunho de São Jerônimo, foi coroado com o martírio durante a perseguição de Diocleciano. (São Jerônimo chama a este Padre uma das bases ou colunas da Igreja e nos diz que suas obras foram sublimes em sentido e substância, ainda que seu estilo latino era baixo, porque era grego de nascimento. Professou a oratória em alguma cidade da Grécia; mas, considerando a vaidade do mundo, consagrou sua ciência à Religião e foi feito bispo de Pettau, na Panônia superior, agora Estíria; sendo indubitavelmente equívoco do Martirológio assinalá-lo como bispo de Poitiers. Este Padre escreveu contra a maior parte das heresias de seu século e florescia pelos anos de 290. Butler.)

O martírio de São Justo, em Trieste, durante a mesma perseguição, sendo presidente Manácio. (Depois de açoitado, foi lançado ao mar.)

Os santos mártires Carterio, Estiríaco, Tobias, Eudóxio, Agápito e seus companheiros, em Sebaste, no tempo do imperador Licínio. (Serviam estes Santos nos exércitos romanos e achavam-se em Sebaste quando, por disposição do presidente Marcelo, foram presos por serem cristãos, logo açoitados e por último postos numa fogueira, onde receberam a palma do martírio.)

Os santos mártires Acíndino, Pegásio, Astônio ou Aftônio, Elpidéforo e Anempodisto, com outros muitos companheiros, na Pérsia. (Viviam os dois primeiros na Pérsia como ermitões, ainda que saíam de seu retiro para instruir na fé os povos vizinhos. Foram presos por ordem do rei da Pérsia, e os açoitaram, e os meteram numa caldeira de chumbo derretido, da qual saíram ilesos. À vista deste milagre, o soldado Aftônio converteu-se à fé e ali mesmo foi degolado; e os dois santos anacoretas, metidos em sacos de couro, foram lançados ao mar. Os soldados que os custodiavam, testemunhas de sua constância, abraçaram também a fé e, tendo-lhes cortado as mãos, alcançaram a coroa do martírio. Então Elpidéforo, da ordem senatorial, foi tocado da graça de Deus e, confessando de improviso o nome de Jesus Cristo, repreendeu o Rei por sua crueldade; e a seu exemplo abraçaram o cristianismo umas sete mil pessoas, as quais, juntamente com ele, morreram ao fio da espada no dia seguinte. Aconteceu esta horrível carnificina em meados do

século IV.)

O martírio dos santos mártires Públio, Vítor, Hermes e Papas, na África (durante a perseguição do imperador Décio, no século III); Santa Eustóquia, virgem e mártir, em Tarso da Cilícia; a qual, no tempo do imperador Juliano Apóstata, depois de padecer atrozes tormentos, entregou a alma estando em oração. (Conheceu a religião cristã desde seus primeiros anos e viveu consagrada a Jesus Cristo. Querendo o imperador Juliano Apóstata obrigá-la a oferecer incenso aos ídolos, ela resistiu com o valor mais heroico, por cujo motivo conseguiu o triunfo do martírio pelos anos de 362.)

São Teódoto, bispo, em Laodiceia da Síria, esclarecido não só por sua eloquência, mas também por suas ações e virtudes. (Tendo sido este Santo designado milagrosamente para ocupar a sé episcopal de Laodiceia, foi-lhe dado o nome de Teódoto, dado por Deus, que alguns confundiram depois com o de Teodoro.)

São Jorge, bispo, em Viena, na França.

Santo Ambrósio, abade, no mosteiro de São Maurício, em Valois.

São Marciano, confessor, em Ciro, na Síria. (Era de família patrícia, e seu pai ocupava postos elevadíssimos na corte imperial, na qual o Santo se criou desde menino. Isto não obstante, assim que conheceu a vaidade do mundo, retirou-se a um deserto nos confins da Arábia, onde bem depressa a fama de sua santidade lhe adquiriu numerosos discípulos, com os quais se formou um famoso mosteiro. Certo dia foram visitá-lo os principais bispos da Síria e, ainda que quiseram ordená-lo sacerdote, desistiram de seu propósito à vista da repugnância que opôs a humildade do santo anacoreta. Diferentes milagres aumentaram ainda mais a veneração em que era tido o servo de Deus, que morreu em sua pequena celinha pelos anos de 387.)

A Comemoração dos Fiéis Defuntos

Como a Igreja, considerada em geral, é a congregação dos fiéis unida em Jesus Cristo, que forma um mesmo corpo, cuja cabeça visível é o Papa e a invisível o mesmo Jesus Cristo, compreende em sua universalidade os bem-aventurados que gozam de Deus no céu, os justos que padecem no purgatório e os fiéis que vivem no mundo. É um corpo que se compõe de muitos membros; uma árvore que tem muitos ramos, quais são a Igreja do céu, a Igreja do purgatório e a Igreja da terra: a primeira chama-se triunfante, a segunda padecente e a terceira militante. Chama-se triunfante a do céu porque é a congregação daqueles ditosos fiéis que já estão de posse da glória, isentos das misérias inseparáveis dos viandantes, gozando uma perfeita felicidade e desfrutando o prêmio tão justamente devido a suas boas obras e a seus gloriosos triunfos. Chama-se padecente a do purgatório por ser a congregação daqueles aflitos fiéis que, tendo-os colhido a morte em estado de

graça, mas não tão purificados que merecessem entrar desde logo no céu, estão purificando-se no purgatório, sofrendo a pena correspondente a suas culpas e padecendo requintados tormentos até que acabem de satisfazer plenamente à divina justiça. Chama-se militante a da terra por ser a congregação dos fiéis que, vivendo ainda neste mundo, devem pelejar continuamente contra os inimigos de sua salvação e, com a graça de Jesus Cristo, merecer por suas boas obras e por seus trabalhos a coroa que Deus tem preparada para sua fidelidade e suas vitórias. Formando todos estes membros um só corpo místico, cuja cabeça é Jesus Cristo, a todos anima um mesmo espírito de caridade, e a todos os três une este dulcíssimo vínculo. Interessam-se os Santos com ardor pela salvação dos fiéis que vivem na terra, oferecendo-lhes sua poderosa intercessão junto a Deus; não desejam menos a libertação das almas santas que padecem no purgatório; mas, como no céu já não estão em estado de merecer, tampouco podem pagar suas dívidas nem satisfazer por elas. Por outra parte, as aflitas almas que estão naquelas penas nada mais podem que clamar a seus irmãos, pedindo orações e socorros, protestando que lhes chegará o tempo de testemunhar-lhes seu eterno agradecimento quando se virem de posse da glória. Somente os fiéis que vivem no mundo se acham em condições de poder honrar uns com seu religioso culto e aliviar outros com obras meritórias e satisfatórias. Mediante este piedoso comércio de bens espirituais, de intercessão, de orações, de esmolas, de boas obras, de zelo e de caridade, ajudam-se reciprocamente todos os membros deste corpo místico sob uma mesma cabeça, e unidos com um mesmo espírito. Esta mesma sagrada união que reina em todos os seus membros, este mesmo Espírito Santo que anima e governa todo este corpo, é o que, havendo assinalado um dia para celebrar na terra o glorioso triunfo dos Santos que campeiam no céu, dedicou também outro dia para a memória universal e para o alívio das almas santas que padecem no purgatório. Ontem publicava a Igreja militante os méritos e a glória dos bem-aventurados que reinam na Jerusalém celestial; e hoje compadece-se dos tormentos que as almas justas estão padecendo nos calabouços da divina Justiça para expiar seus defeitos. Ontem implorava para si a intercessão e as orações daqueles; hoje oferece as suas, acompanhadas de seus sacrifícios, pelo alívio destas. Ontem tributava suas honras aos ditosos predestinados que, favorecidos e cumulados por Deus de celestiais consolos, estão como nadando em delícias; hoje solicita por todo gênero de boas obras o satisfazer à divina justiça por aquelas aflitíssimas almas que estão gemendo no purgatório ao rigor dos mais dolorosos tormentos.

A comemoração que hoje faz a Igreja de todos aqueles fiéis que morreram dentro de seu grêmio, isto é, no seio da fé e da caridade de Jesus Cristo, não é da mesma classe que a comemoração ou festa que soleniza em honra daquelas almas bem-aventuradas que gozam atualmente de uma imutável felicidade na mansão eterna da glória. A natureza é distinta, ainda que o princípio, como acaba de dizer-se, não seja diferente, sendo certo que o espírito ou o objeto do culto é o mesmo, ainda que não seja uma mesma a matéria. Em todos os tempos fez oração a Igreja por aqueles filhos seus que morriam em sua comunhão, de maneira que suas orações eram louvores a Deus e ação de graças por aqueles Mártires cuja santa vida e preciosa morte haviam sido ilustre testemunho da fé de Jesus Cristo; mas ao mesmo tempo eram também súplicas e sufrágios pelos que tinham necessidade deles. Fala Tertuliano destas duas espécies de comemorações, supondo-as de tradição apostólica. Oramos (diz) e oferecemos o divino sacrifício no dia do nascimento dos Santos, isto é, no dia em que triunfaram da morte e nasceram para o céu gloriosamente: *pro natalitiis annua die facimus*; e o mesmo praticamos no aniversário dos fiéis defuntos, segundo a venerável tradição dos Padres: *ex majorum traditione, pro defunctis annua die facimus*; ficando

unicamente excluídos destes sufrágios e destas orações os excomungados. Pregando São Gregório Nazianzeno a oração fúnebre ou o panegírico de seu irmão São Cesário, promete fazer-lhe as honras todos os anos no dia de sua morte: *alia quidem persolvimus, alia vero dabimus, anniversarios honores et commemorationes offerentes*. Não havia coisa mais comum nos fiéis da primitiva Igreja que honrar os Santos, fazer oração a Deus pelos defuntos e oferecer o sacrifício da missa em reverência de uns e por modo de sufrágio para a libertação ou alívio dos outros. Mas, neste piedoso costume de obrigação e de caridade, contentou-se a Igreja por longo tempo com rogar a Deus pelos mortos em particular, sem assinalar dia para a comemoração de todos em comum; determinação que não tomou senão depois que se estabeleceu a solene festividade de Todos os Santos, escolhendo o dia imediato para a memória de todos os defuntos e mandando que nele se celebrasse o sacrifício da missa por todas as almas justas que estão penando nos cárceres do purgatório: piedosa obrigação fundada pouco mais ou menos no mesmo princípio que se teve presente para decretar a festa de Todos os Santos.

Assegurado Santo Odilão, abade de Cluny, de quão eficazes e proveitosas eram as orações, sacrifícios e esmolas que fazia diariamente pelos defuntos, instituiu por todos eles uma memória geral em todos os mosteiros de sua Ordem, prescrevendo um ofício comum para encomendar a Deus todos os fiéis que haviam morrido em sua graça, mas que se achavam ainda detidos e padecendo para purificar-se antes de entrar a gozar da bem-aventurança. Escolheu para esta caritativa comemoração de todos os defuntos o dia imediato à festa de Todos os Santos, parecendo-lhe mais conforme à ideia da Igreja sobre a comunhão ou comunicação que há entre uns e outros. No decreto geral que expediu Santo Odilão para toda a Ordem no ano 998, segundo o refere São Pedro Damião na vida que escreveu do santo Abade, diz-se que, celebrando-se o primeiro dia de novembro, por estatuto da Igreja universal, a solenidade de Todos os Santos, parecia conveniente solenizar também o dia imediato a memória de todos os que descansam em Jesus Cristo, cantando salmos, fazendo esmolas e oferecendo por eles o sacrifício da missa. *Venerabilis pater Odilo, per omnia monasteria sua constituit generale decretum, ut sicut primo die mensis novembris, juxta universalis Ecclesiæ regulam, omnium Sanctorum solemnitas agitur, ita sequenti die, in psalmis et eleemosynis, et præcipue missarum solemniis, omnium in Christo quiescentium memoria celebretur.*

Nada fez nisto de novo a piedosa e caritativa devoção do santo Abade, senão assinalar dia fixo para a comemoração de todas as almas do purgatório; pois, de resto, muito tempo antes de Santo Agostinho já costumava a Igreja oferecer o sacrifício da missa por todos os defuntos em comum. É verdade (diz o Santo) que de nada servem nossas orações nem nossas missas aos que morreram em pecado; também o é que para nada as hão mister os que já estão na pátria celestial; mas, como a Igreja não pode discernir entre uns e outros, oferece o divino sacrifício e roga a Deus em geral por aqueles que podem estar necessitados de suas orações e sufrágios. O mesmo Santo Agostinho acrescenta a razão deste caritativo ofício da Igreja por todos os fiéis defuntos em geral: para que aqueles (diz) que não têm pais, parentes nem amigos que se lembrem deles sejam socorridos por esta mãe comum, que a nenhum de seus filhos esquece e a todos tem dentro de seu coração. Não se devem omitir as belas palavras deste Padre (*De cura pro mortuis*, cap. 4): Jamais nos esqueçamos de rogar a Deus pelas almas de nossos irmãos defuntos, como a Igreja católica costuma fazê-lo geralmente por todos os fiéis que morreram, ainda que não saiba como se chamaram: *Non sunt prætermittendæ supplicationes pro spiritibus mortuorum; quas faciendas pro*

omnibus in christiana et catholica societate defunctis, etiam tacitis nominibus quorumcumque, sub generali commemoratione suscepit Ecclesia; para que a caridade de nossa mãe comum, a santa Igreja, supra a falta dos parentes e dos amigos, provendo às necessidades das almas abandonadas que não têm outro socorro: *ut quibus ad ista desunt parentes, aut filii, aut quicumque cognati, vel amici, ab una eis exhibeatur matre communi*. É, pois, evidente que muito tempo antes de Santo Agostinho estava já introduzido na Igreja o piedoso costume de fazer oração, dar esmolas e dizer missas pelos defuntos que haviam morrido dentro de seu grêmio, encontrando-se em todas as liturgias ou rituais, particularmente no romano, depois de haver rogado a Deus pelos particulares, uma oração geral por todos os que morreram na graça de Jesus Cristo: *Ipsis, Domine, et omnibus in Christo quiescentibus, locum refrigerii, lucis et pacis, ut indulgeas, deprecamur*, etc. Suplicamo-vos, Senhor, que vos digneis conceder a estes em particular, e a todos aqueles que descansam em Cristo, um lugar de refrigério, de luz e de paz; pelo mesmo Jesus Cristo, Nosso Senhor. Assim, pois, só devemos à piedade de Santo Odilão o haver-se estabelecido esta festa particular neste dia, dando ocasião à Igreja para instituir nele uma festa universal e de preceito, ao menos no tocante ao ofício; de sorte que, sendo antes particular na Ordem Cluniacense, fez-se depois geral, estendendo-a a Igreja a todos os seus filhos.

Já estava instituída esta festa na Inglaterra no princípio do século XIII, como consta do concílio de Oxford celebrado no ano de 1222, colocando-se entre as festas de segunda classe. O concílio de Tréveris, que se celebrou no ano de 1549, declarou-a por meia festa, isto é, por festa até o meio-dia em toda a província; só no bispado de Tours é festa de preceito todo o dia de defuntos. Bem se pode assegurar que há poucas devoções mais antigas e mais universais que a de rogar a Deus pelos mortos; em cujo artigo estiveram sempre de acordo a Igreja grega e a latina: autoridade de tanto peso, no parecer de Santo Agostinho, que ela só bastaria para estabelecê-la ainda quando a Escritura não houvesse falado dela com tanta expressão e clareza no livro dos Macabeus. *In Machabæorum libro legimus* (diz este Padre) *oblatum mortuis sacrificium. Sed et si nusquam in Scripturis veteribus legeretur, non parva est Ecclesiæ universæ, quæ in hac consuetudine claret, auctoritas: ubi in precibus sacerdotis, quæ Domino Deo ad ejus altare funduntur, locum suum habet etiam commendatio mortuorum.* E quem pode duvidar (diz em outra parte) de que sejam muito proveitosas aos defuntos as orações, as esmolas e os sacrifícios que se oferecem por eles? *Neque negandum est defunctorum animas pietate suorum viventium relevari, cum pro illis sacrificium mediatoris offertur, vel eleemosynæ in Ecclesia fiunt.*

É verdade que todos estes testemunhos não provam que se tivesse estabelecido na Igreja uma festa particular para rogar a Deus por todos os defuntos; mas convencem (diz o P. Tomassino) as razões que se puderam ter presentes para estabelecê-la. Se desde o princípio da Igreja se fez oração e se ofereceu o sacrifício da missa pelos defuntos em particular; se também se ofereceu por todos eles em comum; se em todas as liturgias e em todas as missas do ano se rogou por eles em geral: por que razão não se poderia instituir uma festa particular para desempenhar esta piedosa obrigação, a respeito dos defuntos, com especial zelo e com maior solenidade? De certa maneira pode-se dizer que esta festa convém, não só com a de Todos os Santos, mas também com a festa da Trindade e com a do Sacramento, em que é como suplemento, por assim dizer, das demais festas, dos demais ofícios e dos demais sacrifícios de todo o ano. Em todas as festas, em todos os ofícios e em todos os sacrifícios de entre ano rende-se supremo culto à santíssima Trindade, celebra-se a memória da instituição do sacramento e divino sacrifício da Eucaristia, em que são

compreendidos todos os Santos em geral. Por conseguinte, as festas particulares que se dedicam à Trindade, ao Sacramento e aos Santos são para suprir os defeitos que podem ter-se introduzido na diária comemoração que se faz deles e para reparar, por meio de uma especial celebridade, o pouco fervor das comemorações particulares. Da mesma maneira, a comemoração dos defuntos, que se faz neste dia com maior solenidade, adverte-nos que devemos continuar a rogar a Deus por eles todos os dias, e que isto o devemos fazer com maior aplicação, com mais aceso zelo, com nova e mais abrasada caridade.

E na verdade, não há coisa mais justa, não a há mais conforme ao espírito de nossa Religião, nem mais própria daquela caridade benéfica e compassiva em que devem sobressair todos os verdadeiros fiéis, que o eficaz zelo pelo alívio daquelas aflitas almas. São almas predestinadas, que algum dia se hão de ver na corte do céu em grande favor. São umas esposas de Jesus Cristo que, ainda que agora estão padecendo, com o tempo hão de reinar com ele na glória, e então saberão muito bem mostrar-se agradecidas, correspondendo com o cêntuplo aos benefícios que receberam. São nossos pais, nossos filhos, nossos irmãos, nossos próximos parentes, nossos amigos, nossos benfeitores, que nos pedem que os aliviemos em suas penas e do fundo daqueles lúgubres calabouços nos estão clamando com voz lastimosa: *Miseremini mei, miseremini mei, saltem vos amici mei.* Amado pai (exclama aquele querido filho), tu que tanto choraste por mim, tu que tanto me quiseste, olha que estou padecendo insofríveis penas neste lugar de dores; a muito pouca custa me podes aliviar: uma esmola, uma missa, uma oração podem tirar-me destas abrasadoras chamas, podem pôr-me em liberdade; serás insensível a meus tormentos? Algum dia te poderás achar tu na mesma necessidade; se então estou eu no céu, empenharei todo o meu valimento com Deus para libertar-te de tuas penas. Querido filho, querida filha (exclama o atormentado pai, a aflita mãe, rodeados ambos de chamas), tem misericórdia daqueles a quem, depois de Deus, deves tudo o que tens, a vida de que gozas e os bens que possuis; enterneçam-te nossos gemidos e alivia-nos em nossos trabalhos; só te pedimos obras de caridade, só te pedimos orações: para ti trabalhas quando nos fazes bem a nós. Para excitar-nos a estas obrigações de justiça e de caridade, vale-se a Igreja deste fúnebre aparato; para avivar nossa memória e nossa compaixão é todo esse lúgubre som dos sinos.

Nada se pode comparar com as penas do purgatório. O mais estranho, o maior inimigo teu te moveria a lástima se o visses em tão doloroso estado; mas os que ardem naquele forno aceso são teus íntimos amigos, teus irmãos, teus mais próximos parentes, e talvez estejam ardendo precisamente porque te quiseram demasiado, pelos excessos que cometeram com o único fim de amontoar bens e fazenda para ti; será possível que não te faça força o que estão padecendo? Solicitam tua compaixão aquelas aflitas almas por seus suspiros, pelo amor que te tiveram e pela caridade que tu deves ter com elas. Elas só podem satisfazer à divina justiça pagando suas dívidas com o último rigor; mas tu podes satisfazer por elas a muito pouca custa tua: uma oração, uma esmola, uma missa, uma mortificação, uma boa obra que faças, que ofereças por elas e para seu alívio, pode talvez libertá-las. Quem de nós negaria este piedoso ofício a um encarcerado, a um condenado às galés, a um que remasse nelas, se soubesse que com uma súplica, com alguma boa obra podia conseguir sua liberdade? E o negaremos a nossos amigos e a nossos parentes! Ignoramos porventura que trabalhamos em nosso proveito quando lhes fazemos este importante serviço? Sendo-nos de certa maneira devedoras aquelas santas almas de sua felicidade, esquecer-

se-ão acaso disso quando gozarem dela? Não morrem, não se entibiam no céu a caridade e o reconhecimento; antes aí se acendem e se avivam mais. Pois que não poderão alcançar do Senhor em benefício nosso, se se empenham, se pedem eficazmente por nós?

Missa (oração)

A missa é dos fiéis defuntos, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Fidelium Deus omnium conditor et redemptor, animabus famulorum famularumque tuarum remissionem cunctorum tribue peccatorum: ut indulgentiam, quam semper optaverunt, piis supplicationibus consequantur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, criador e redentor de todos os fiéis, concedei às almas de vossos servos e de vossas servas a remissão de todos os seus pecados, para que consigam, pelas piedosas orações de vossa Igreja, a indulgência e o perdão que sempre desejaram. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 15 da primeira de São Paulo aos Coríntios.

1 Coríntios 15,51-57

> **Latim:** [51] Ecce mysterium vobis dico : omnes quidem resurgemus, sed non omnes immutabimur. [52] In momento, in ictu oculi, in novissima tuba : canet enim tuba, et mortui resurgent incorrupti : et nos immutabimur. [53] Oportet enim corruptibile hoc induere incorruptionem : et mortale hoc induere immortalitatem. [54] Cum autem mortale hoc induerit immortalitatem, tunc fiet sermo, qui scriptus est : Absorpta est mors in victoria. [55] Ubi est mors victoria tua ? ubi est mors stimulus tuus ? [56] Stimulus autem mortis peccatum est : virtus vero peccati lex. [57] Deo autem gratias, qui dedit nobis victoriam per Dominum nostrum Jesum Christum.

Português: [51] Eis-aqui vos digo hum mysterio: Todos certamente resuscitaremos, mas nem todos seremos mudados: [52] N'hum momento, n'hum abrir e fechar d'olhos, ao som da ultima trombeta: porque huma trombeta soará, e os mortos resuscitarão incorruptiveis: e nós-outros seremos

mudados. [53] Porque importa que este corpo corruptivel se revista da incorruptibilidade: e que este corpo mortal se revista da immortalidade. [54] E quando este corpo mortal se revestir da immortalidade, então se cumprirá a palavra, que está escrita: Tragada foi a morte na victoria. [55] Onde está, ó morte, a tua victoria? onde está, ó morte, o teu aguilhão? [56] Ora o aguilhão da morte he o peccado: e a força do peccado he a lei. [57] Porém graças a Deos, que nos deo a victoria por nosso Senhor Jesu Christo.

Reflexões

Vou descobrir-vos um mistério. Mas que mistério terrível! Sei de certo que minha carne há de ressuscitar para não morrer jamais; mas não sei se há de ressuscitar para a glória ou para os tormentos. O que sei é que o caminho dos trabalhos guia com mais segurança ao descanso eterno, e que a comodidade e a abundância quase sempre são funestos presságios de uma desgraçada eternidade. Pois, Senhor, tenha eu o consolo de que não me perdoeis nesta vida. Os ministros da divina justiça farão que todo o universo ouça o som fatal daquela última trombeta, como sinal da guerra que declara Deus a todos os pecadores e da vitória que consegue da morte. Levantai-vos, mortos! A cuja voz e no mesmo instante os mortos de todos os estados e de todas as nações do mundo sairão de suas sepulturas; mas com que consternação! Com que espanto! Com que olhos tornarão a ver os grandes do século aquela terra de que foram donos! Então (diz São Jerônimo) tremerão diante de seu Juiz os reis que fizeram tremer o universo. Oh, que mudança de ideias! Que diferente modo de discorrer nos homens! Ó morte, onde está a tua vitória? Ó morte, onde está o teu aguilhão? Ainda não chegou o tempo de insultar desta maneira a morte. Tudo o que agora podemos fazer é procurar que não nos seja tão temível, dispondo-nos a uma boa morte por meio de uma boa vida. Não há outra coisa que seja superior à força, ao aguilhão e aos terrores da morte, senão a santidade e a virtude. Somente os Santos, à vista da tranquilidade e da alegria com que morrem, podem perguntar à morte onde está sua vitória e onde está seu aguilhão. Sua ponta só a embota a virtude cristã; também com a mortificação criam-se calos, por assim dizer, para não sentir o aguilhão da morte; mas, ao contrário, o regalo e a sensualidade o aguçam mais, fazendo ao mesmo tempo a alma mais sensível. O pecado causou a morte, e o pecado é o que a faz tão temerosa. Se se nos põe diante sem o pecado, vê-se vir sem susto, porque vem, digamo-lo assim, desarmada. Oh, que afetos tão diversos excita sua presença! Os Santos saltam de gozo quando se vai aproximando deles; mas só o seu pensamento, só a sua memória enche de cruéis sobressaltos os dissolutos, os imperfeitos e os mundanos. *A força do pecado é a lei*, diz o Apóstolo: muito corrompido deve estar o coração do homem quando a mesma lei que proíbe o pecado parece que lhe comunica novos atrativos, e as mesmas penas a que se expõe o que o comete o tornam ao parecer mais delicioso. Mas, havendo vencido a morte Jesus Cristo nosso Redentor, só pode espantar as almas rebeldes, e os filhos de Deus teriam pouca razão para temer um inimigo vencido e desarmado pelo dono a quem servem e pelo pai a quem amam. Estando seguros da vitória, que há que temer? Nem quem nos pode impedir de gozar com tranquilidade da glória e do fruto? Mas não: ainda que nosso inimigo esteja vencido, não está aniquilado. Pode apanhar-nos de surpresa e pode fazer em pedaços em nossas mesmas mãos a palma que Jesus Cristo nos colheu; é necessário, pois, estar sempre alerta contra suas repentinas investidas, tendo presente que só o

pecado deve fazer-nos temer a morte.

Sequência

> *Dies iræ, dies illa, Solvet sæclum in favilla: Teste David cum Sibylla.*
>
> *Quantus tremor est futurus, Quando judex est venturus, Cuncta stricte discussurus!*
>
> *Tuba mirum spargens sonum Per sepulcra regionum, Coget omnes ante thronum.*
>
> *Mors stupebit et natura, Cum resurget creatura, Judicanti responsura.*
>
> *Liber scriptus proferetur, In quo totum continetur, Unde mundus judicetur.*
>
> *Judex ergo cum sedebit, Quidquid latet apparebit: Nil inultum remanebit.*
>
> *Quid sum miser tunc dicturus? Quem patronum rogaturus, Cum vix justus sit securus?*
>
> *Rex tremendæ majestatis, Qui salvandos salvas gratis, Salva me, fons pietatis.*
>
> *Recordare, Jesu pie, Quod sum causa tuæ viæ: Ne me perdas illa die.*
>
> *Quærens me, sedisti lassus: Redemisti crucem passus: Tantus labor non sit cassus.*
>
> *Juste judex ultionis, Donum fac remissionis Ante diem rationis.*
>
> *Ingemisco, tamquam reus: Culpa rubet vultus meus: Supplicanti parce, Deus.*
>
> *Qui Mariam absolvisti, Et latronem exaudisti, Mihi quoque spem dedisti.*
>
> *Preces meæ non sunt dignæ: Sed tu bonus fac benigne, Ne perenni cremer igne.*
>
> *Inter oves locum præsta, Et ab hædis me sequestra, Statuens in parte dextra.*
>
> *Confutatis maledictis, Flammis acribus addictis: Voca me cum benedictis.*
>
> *Oro supplex et acclinis, Cor contritum quasi cinis: Gere curam mei finis.*

> *Lacrymosa dies illa, Qua resurget ex favilla Judicandus homo reus: Huic ergo parce, Deus.*
>
> *Pie Jesu Domine, Dona eis requiem. Amen.*

A Sibila e Davi dizem que naquele dia de ira a grande máquina do mundo se converterá em cinza.

Quão grande será o temor quando Cristo, com divisa de Juiz, vier tomar conta rigorosa de nossa vida!

Convocará uma trombeta terrível, que será ouvida em todo o mundo, aos mortos, para que ante o Trono assistam.

Cheia a natureza de espanto, e a morte mesma, verão como a ser julgado todo homem ressuscita.

Manifestar-se-á um Livro em que se verão escritas, para julgá-los a todos, de todo mortal as vidas.

Logo que o Juiz se assente, o mais oculto à vista se porá, e não haverá culpado com quem não se faça justiça.

Que farei eu, coitado, então? Quem haverá que por mim peça, quando no juízo supremo o justo apenas respira?

Rei de majestade tremenda, Vós que dais a eterna vida graciosamente, salvai-me, fonte de piedade divina.

Piedoso Jesus, não esqueçais que por mim foi vossa vinda ao mundo; e assim, que eu vos perca, não o permitais.

Em buscar-me vos cansastes; padecestes a ignomínia da Cruz por remir-me: não se frustrem vossas fadigas.

Justo Juiz das vinganças, remiti as culpas minhas antes que de vosso Juízo chegue aquele tremendo dia.

Gemo e choro como réu e me envergonho à vista de meus pecados: Deus meu, perdoai a quem vos suplica.

Vós que ouvistes o Bom Ladrão e perdoastes a Maria, neles me destes a mim esperança firme e fixa.

De conseguir o perdão não são minhas preces dignas; livrai-me do fogo eterno por vossa bondade infinita.

Ponde-me entre os escolhidos, dos precitos me tirai, colocando-me à vossa destra, onde todo bem se estriba.

Arrojados os malditos àquelas chamas contínuas, chamai-me com os benditos de vosso Pai, glória minha.

Humilde e prostrado vos rogo, desfeito como cinza o coração, que meu bem e meu último fim consiga.

Lamentável dia aquele em que o homem, que jazia feito pó, ressuscite a ser julgada sua vida.

Perdoai ao homem, Deus meu, piedoso Jesus; consigam paz e descanso as almas e ir gozar de vossa vista. Amém.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 5 de São João.

João 5,25-29

> **Latim:** 25 Amen, amen dico vobis, quia venit hora, et nunc est, quando mortui audient vocem Filii Dei : et qui audierint, vivent. 26 Sicut enim Pater habet vitam in semetipso, sic dedit et Filio habere vitam in semetipso : 27 et potestatem dedit ei judicium facere, quia Filius hominis est. 28 Nolite mirari hoc, quia venit hora in qua omnes qui in monumentis sunt audient vocem Filii Dei : 29 et procedent qui bona fecerunt, in resurrectionem vitæ ; qui vero mala egerunt, in resurrectionem judicii.

Português: 25 Em verdade, em verdade vos digo, que vem a hora, e agora he, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deos: e os que a ouvirem, viverão. 26 Porque assim como o Pai tem a vida em si mesmo: assim tambem deo elle ao Filho ter vida em si mesmo: 27 e lhe deo o poder de exercitar o juizo, porque he Filho do homem. 28 Não vos maravilheis d'isso, porque vem a hora, em que todos os que se achão nos sepulcros, ouvirão a voz do Filho de Deos: 29 e os que obrárão bem, sahirão para a resurreição da vida: mas os que obrárão mal, sahirão resuscitados para a condenmação.

Meditação

Da caridade com as almas do purgatório

Primeiro ponto

Considera que é santo e saudável pensamento rogar a Deus pelos mortos para que sejam livres de seus pecados, como fala a Escritura. Pensamento santo, porque não há caridade mais justa; pensamento saudável, porque não a há mais útil nem mais proveitosa que a que se exercita com os defuntos. É justa porque afinal, que objeto há mais digno de nossa compaixão? Quem mereceu nunca melhor nosso socorro e nossa assistência que aquelas aflitas almas? São almas predestinadas, que algum dia hão de ver-se no céu e ser contadas entre os moradores da celestial Jerusalém por toda a eternidade. São esposas de Jesus Cristo detidas naqueles dolorosos calabouços até que, inteiramente purificadas, mereçam aumentar a corte do Cordeiro. Não há sequer uma daquelas santas almas que não seja amada de Jesus Cristo e que, por conseguinte, não seja credora de nosso respeito e de nossa veneração, ainda que de presente só nos peçam nossas orações. São outros tantos Josés que agora gemem aprisionados num tenebroso cárcere; mas infalivelmente hão de ser extraídos dele para ser colocados no trono. Agora nos pedem que nos lembremos delas, e elas não deixarão de lembrar-se de nós quando lhes chegar a vez, quando se virem na glória e quando nós nos acharmos nas maiores necessidades. São nossos amigos, nossos parentes e nossos irmãos que estão em extrema necessidade de nossos socorros. É aquele pai por quem derramamos tantas lágrimas, aquela mãe que nos amou tão ternamente. Quando morreram, choramo-los sem consolo; hoje só nos pedem algumas orações. Eles nos deixaram todos os seus bens; será muito pedir que os socorramos com algumas missas, com algumas obras de misericórdia, com alguns sufrágios? Traze à memória aquele terno amor, aqueles carinhosos anseios de que te deram tantas provas teu pai, tua mãe, teus irmãos e irmãs. Quantos sustos lhes deste quando aquela enfermidade, aquele acidente te pôs em algum perigo! Com que desvelo, com que solicitude não procuravam tudo o que podia interessar tua saúde, tuas conveniências e até teus mesmos gostos e diversões! Pois quê! Será possível que não te mova a compaixão o lastimoso estado em que se acham aqueles teus amigos, aqueles teus parentes? Terás valor para negar-lhes alguns movimentos de ternura e de compaixão? Regatear-lhes-ás um socorro que lhes podes dar com tanta facilidade? Quanto mais justo é este reconhecimento, mais escandalosa, mais vergonhosa é tua insensibilidade, tua ingratidão e tua dureza. É certo que não vês com os olhos corporais o que estão padecendo aquelas benditas almas; mas padecerão menos, serão menos dignas de lástima porque tu não as vejas? Dize-me: se soubesses que a teu filho ou a teu pai haviam feito escravo em algum país estrangeiro, não te moverias, não darias muitos passos para aliviá-lo, para pô-lo em liberdade? Neste caso estão teus amigos e parentes. É o purgatório uma triste prisão, uma durísima escravidão; podes aliviá-los, podes tirá-los dela a muito pouca custa tua. O mesmo que os tem naquela servidão te solicita para que o faças assim; e, no meio disso, não te resolverás a esta obra de caridade?

Segundo ponto

Considera que, não havendo coisa mais justa que a caridade com as almas do purgatório, tampouco há outra em que mais te interesses a ti mesmo nem que seja mais vantajosa para ti. São as almas do purgatório uns justos e escolhidos de Deus que, não tendo purgado neste mundo a pena correspondente a seus pecados, a estão satisfazendo naquele lugar, e tu lhes podes ajudar a

satisfazê-la. São ainda devedores à divina justiça, e tu podes pagar suas dívidas tomando-os por tua conta. Os meios estabelecidos por Deus para esta satisfação são as esmolas, as missas, as boas obras e as orações: é verdade que, se tu pagas por eles, já não deverão coisa alguma à divina justiça; mas ficarão devedores teus, e te deverão a ti as orações, as boas obras, as missas, as esmolas que cobriram sua dívida. Se se lhes antecipou sua eterna ventura, se já estão gozando de Deus, seu soberano bem, se têm valimento com este Senhor, depois do mesmo Deus a ti devem este valimento, esta glória, esta fortuna. E persuades-te de que, devendo-te tanto, em nada te corresponderão? Estão em favor com o Senhor; não lhes pode negar coisa que lhe peçam; aperfeiçoa-se no céu a caridade; pois dize-me: em benefício de quem empregarão melhor o favor que tu mesmo lhes conseguiste, ou pelo menos lhes anteciparás? Conhecerão na essência de Deus teus perigos, tuas tentações, teu estado e tuas necessidades: parece-te possível que faltem no céu à caridade e ao agradecimento? Oh, quem estivesse certo de ter tirado do purgatório uma só alma! Onde haveria motivo de consolo e de confiança em sua proteção e em sua intercessão melhor fundado? Quantos funestos acidentes na vida! Quantas violentas tentações! Quantos perigos para a salvação! Quanto há que temer na hora derradeira! Mas quem tem a ventura de ter tirado uma alma do purgatório, ou de a ter aliviado pelo menos? Pois está certo de que tem com Deus um poderoso intercessor e protetor, um amigo fiel que, conhecendo seus perigos e suas necessidades, empregará todo o seu valimento para tirá-lo com felicidade desse mau passo, para assisti-lo nesse perigo, para alcançar-lhe todas as graças, todos os auxílios que houver mister naqueles últimos críticos momentos. Isto moveu o zelo da Igreja pelos defuntos; isto inspirou nos Santos tanta caridade com as almas do purgatório. Nesta caridade achamos nossa conta; por nós fazemos quanto fazemos por elas, e seu proveito se refunde em proveito nosso. Não pode haver maior injustiça nem maior ingratidão; mas também não pode haver maior prejuízo nosso que não fazer coisa alguma pelo alívio daquelas benditas almas.

Espero, divino Salvador meu, que não permitireis que fiquem sem efeito todas estas reflexões. Dai-me graça para que sejam eficazes os piedosos impulsos que experimento e todos os santos propósitos que faço. Uns e outros os devo à vossa misericórdia. De hoje em diante será minha primeira devoção a caridade com as almas do purgatório, resolvido seriamente a praticar todos os meios que Vós me propondes e me franqueais para seu alívio.

Jaculatórias

Dai-lhes, Senhor, o descanso eterno, e ilumine-as vossa eterna luz. (A Igreja.)

Vós, Senhor, sois a mesma bondade; e assim, dispondes que as aflitas almas gozem quanto antes, em companhia de vossos Santos, os eternos resplendores da glória. (A Igreja.)

Propósitos

1. Não há nem houve jamais no mundo pessoa mais digna de compaixão que as almas do purgatório. Quem mais credores de nossa comiseração que aqueles que nem se podem ajudar a si mesmos, nem lhes é lícito deixar-se ver, nem se lhes permite pedir socorro? Um pobre encarcerado, metido num escuro calabouço, cujas lágrimas não se podem ver, cujos gemidos e clamores não se podem ouvir, é bem digno de lástima. Tais são as almas do purgatório. Quantas estão padecendo naquelas tenebrosas masmorras sem ter amigos nem parentes que se lembrem delas! Quantas estão ardendo há mais de cem anos naqueles fornos acesos! Oh, que belo objeto de uma caridade verdadeiramente cristã! Não te contentes com fazer hoje oração em geral por todos os fiéis defuntos, segundo o espírito da Igreja; oferece todos os dias algumas orações em particular pelas almas do purgatório, e alguma mais especialmente pelas que têm menos sufrágios e estão mais desamparadas. Todas as semanas, ou ao menos todos os meses, hás de determinar um dia para esta importante devoção. De quando em quando dá algumas esmolas, faze algumas penitências, algumas boas obras, algumas comunhões; celebra, ouve ou manda dizer algumas missas pelas almas pobres e desatendidas. Poucas devoções há que sejam mais gratas ao Senhor e mais proveitosas para nós.

2. Os meios gerais para socorrer as benditas almas são os jejuns, as orações, as esmolas, as penitências, as mortificações, sejam da espécie que forem, e todas as boas obras, que todas são satisfatórias, porque todas têm algo de penosas. Em todas as nossas ações podemos achar motivo para aliviar com elas as almas do purgatório, sem que nos sejam mais gravosas nem nos custem mais trabalho. Assim como todos os desgostos, todas as moléstias, todos os contratempos que nos sucedem nos podem servir para satisfazer por nossas culpas, assim também os podemos aplicar em satisfação das de nossos irmãos. Aflições, enfermidades, humilhações, afrontas, injúrias, adversidades: tudo pode contribuir para purificar-nos de nossos pecados e para satisfazer à divina justiça por aquelas pobres almas. Algumas pessoas virtuosas julgaram tão meritória esta devoção que renunciaram, com obrigação em forma de voto, toda a satisfação de quantas boas obras fizessem em sua vida em benefício das almas do purgatório. Nem faltaram outras que estenderam os limites de sua caridade mais além dos limites de sua vida, adiantando-se a fazer a mesma renúncia, enquanto lhes fosse possível, de todas as orações e de todos os sufrágios que por qualquer título lhes pudessem pertencer depois de mortas: ato de caridade reputado por um dos mais heroicos. Nada se perde nos excessos de caridade, a exemplo de São Paulo. Entre os meios de aliviar as benditas almas, são muito excelentes as indulgências, as missas e as comunhões que se aplicam por elas.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:54:18 by Admin
Updated 20 November 2026 20:54:18 by Admin